



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo
e à Sociedade da Informação (LEA-MSI)

Beatriz Farias Guerra Teixeira

Considerações sobre a construção do valor sócio-identitário da variedade linguística urbana de adolescentes no contexto sociolinguístico dos bairros multilíngues e multiétnicos de Oslo

Brasília, 2024

Beatriz Farias Guerra Teixeira

Considerações sobre a construção do valor sócio-identitário da variedade linguística urbana de adolescentes no contexto sociolinguístico dos bairros multilíngues e multiétnicos de Oslo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Orientador: Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho

Brasília, 2024

Considerações sobre a construção do valor sócio-identitário da variedade linguística urbana de adolescentes no contexto sociolinguístico dos bairros multilíngues e multiétnicos de Oslo

Banca Examinadora

Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho
UnB - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
(Orientador)

Profa. Dra. Susana Martínez Martínez
UnB - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
(1º Membro da banca)

Prof. Dr. Marcos de Campos Carneiro
UnB - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
(2º Membro da banca)

Brasília, 2024

RESUMO

A partir da imigração crescente à Noruega desde a década de 80, desenvolveu-se uma nova variedade linguística utilizada, principalmente, por adolescentes nos bairros multilíngues e multiétnicos de Oslo, marcada por empréstimos de línguas não-europeias. O presente trabalho tem como objetivo compreender como o valor sócio-identitário desta variedade é construído no contexto sociolinguístico da capital norueguesa, com base i) nos estudos de Heike Wiese (2016), Sarah Harchaoui (2014) e Bente Ailin Svendsen (2014) sobre variedades urbanas multiétnicas da Europa e, mais especificamente, da Noruega; ii) nas teorias sociolinguísticas de Louis-Jean Calvet (2002), William Labov (2008) e Pierre Bourdieu (2008) e iii) com o apoio teórico de Clarice Corbari (2013). Considerou-se que a Noruega, assim como outros países europeus, é permeada por uma ideologia monolíngue que rejeita o uso de línguas e variedades minoritárias, especialmente quando têm origem imigratória, possivelmente devido à xenofobia. No contexto de Oslo, há um conflito discursivo em que o grupo dominante defende o uso da língua padrão e associa o uso da variedade urbana multiétnica a jovens de origem imigratória e ao desemprego. Em contrapartida, os falantes desta variedade pretendem institucionalizá-la, defendendo-a como uma forma legítima de se falar norueguês e como um símbolo da identidade urbana dos jovens dos bairros multiétnicos de Oslo.

Palavras-Chave: Multiétnicidade; Imigração; Variedades linguísticas; Identidades urbanas; Kebabnorsk.

ABSTRACT

Following the growing immigration to Norway since the 1980s, a new linguistic variety has developed, mainly used by teenagers in Oslo's multilingual and multiethnic neighborhoods, marked by borrowings from non-European languages. This paper aims to understand how the socio-identitary value of this variety is constructed in the sociolinguistic context of the Norwegian capital, based on i) the studies of Heike Wiese (2016), Sarah Harchaoui (2014) and Bente Ailin Svendsen (2014) on multiethnic urban varieties in Europe and, more specifically, in Norway; ii) the sociolinguistic theories of Louis-Jean Calvet (2002), William Labov (2008) and Pierre Bourdieu (2008) and iii) with the theoretical support of Clarice Corbari (2013). It was considered that Norway, like other European countries, is permeated by a monolingual ideology that rejects the use of minority languages and varieties, especially when they originate in immigration, possibly due to xenophobia. In the Oslo context, there is a discursive conflict in which the dominant group defends the use of the standard language and associates the use of the multiethnic urban variety with young people of immigrant origin and unemployment. On the other hand, the speakers of this variety want to institutionalize it, defending it as a legitimate way of speaking Norwegian and as a symbol of the urban identity of young people in Oslo's multiethnic neighbourhoods.

Palavras-Chave: Multiethnicity; Immigration; Linguistic varieties; Urban identities; Kebabnorsk.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. METODOLOGIA	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. SOCIOLINGUÍSTICA	11
2.1.1. COMUNIDADE LINGUÍSTICA E DE FALA E VARIEDADES LINGUÍSTICAS	11
2.1.1.1. GÍRIA E VARIAÇÃO SOCIAL E ESTILÍSTICA	13
2.1.2. ETNOLETOS, MULTIETNOLETOS OU DIALETOS DE CONTATO URBANO	13
2.1.3. CONTEXTO OU ESPAÇO: LÍNGUA EM SOCIEDADE	15
2.1.4. LÍNGUA E IDENTIDADE	18
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIEDADE LINGUÍSTICA URBANA DE ADOLESCENTES MULTILÍNGUES E MULTIÉTNICOS DE OSLO	22
3.1. PRÁTICAS LINGUÍSTICAS DE ADOLESCENTES EM CONTEXTOS URBANOS NA NORUEGA	22
3.2. O DEBATE SOBRE O “KEBABNORSK”	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A partir da década de 80, com a flexibilização das políticas de imigração na Noruega, houve um influxo significativo de imigrantes de países não-europeus (CAPPELEN; OUREN; SKJERPEN, 2011), especialmente em Oslo, onde, segundo o *Statistisk sentralbyrå*¹, 34,7% da população tinha origem imigratória, em março de 2024, isto é, imigrantes ou descendentes de imigrantes. A maior parte da nova população imigrante passou a residir nos bairros orientais da capital, que se tornaram espaços urbanos multilíngues e multiétnicos.

O multilinguismo desses bairros teve influência nas práticas linguísticas dos jovens residentes dos bairros multiétnicos de Oslo, sendo estudadas pela primeira vez por Stine Aasheim, em 1995, que identificou o uso de uma variedade linguística, chamada coloquialmente de “*kebabnorsk*”, fortemente marcada pelo uso de empréstimos lexicais de línguas não-europeias.

A língua é um aspecto importante para a identidade dos noruegueses, em parte devido à colonização da Dinamarca e da Suécia, que motivou o desenvolvimento de um padrão escrito do norueguês que representasse a fala dos noruegueses, sem influência das outras línguas escandinavas, designado *nynorsk* (novo norueguês). O caráter identitário da língua na Noruega se deve também à valorização das várias variedades linguísticas regionais do país, que são símbolos de origem e herança cultural.

Tendo isso em vista, pesquisadores noruegueses investigam de que forma é construído o valor sócio-identitário da nova variedade urbana multiétnica de Oslo, que apresenta características explicitamente estrangeiras, visto ter a sua origem em espaços urbanos tradicionalmente ocupados por imigrantes.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata da metodologia utilizada, apresentando os autores selecionados como referência e a contribuição dos seus estudos para este trabalho. O segundo capítulo trata da fundamentação teórica, isto é, dos conceitos relevantes para a compreensão do contexto sociolinguístico em questão, que servem de base para as considerações sobre a variedade linguística urbana de adolescentes multilíngues e multiétnicos de Oslo. O terceiro capítulo identifica as práticas linguísticas desses adolescentes e aborda a forma como é construído o valor sócio-identitário da variedade linguística,

¹ Instituto Nacional de Estatísticas da Noruega.

na capital norueguesa. O último capítulo apresenta as considerações finais sobre o tema, refletindo sobre os estudos apresentados e sobre a questão identitária subjacente à variedade urbana multiétnica de Oslo.

1. METODOLOGIA

Este trabalho de natureza documental tem como objetivo geral observar em uma comunidade linguística de adolescentes dos bairros multiétnicos de Oslo, na Noruega, seus usos de linguagem e questões identitárias presentes nos usos linguísticos dessa comunidade, tomando-se como base dados de artigos científicos. Os objetivos específicos são: i) identificar os usos linguísticos da comunidade; ii) identificar o contexto e a percepção social do uso da variedade; e iii) compreender as questões identitárias que subjazem aos usos linguísticos dessa comunidade.

O trabalho será fundamentado nas teorias sociolinguísticas de Louis-Jean Calvet (2002) e nos estudos de William Labov (2008), a respeito dos conceitos de **variantes**, **variedades** e **comunidades linguísticas** e na teoria de **mercado linguístico** de Pierre Bourdieu (2008), que discorre sobre as **relações de poder** que permeiam as **relações linguísticas**. Os estudos de Heike Wiese (2016) sobre “dialetos de contato urbano”, isto é, variedades linguísticas utilizadas, principalmente, por adolescentes, em **espaços urbanos multiétnicos**, servirão de base para compreender o contexto linguístico urbano multiétnico europeu. Para observar mais especificamente as características dos usos linguísticos dos adolescentes dos bairros multiétnicos em Oslo, Noruega, grupo foco desta reflexão, fundamentar-se-á em Sarah Harchaoui (2014), que descreve e analisa em seus artigos, principalmente, o uso de variantes lexicais, nesse contexto. Harchaoui defende que o uso dessas **variantes linguísticas** parece ter correlação com **identidade**.

Neste trabalho, as questões de identidade e da língua como símbolo identitário terão como base Clarice Corbari (2013), em sua investigação sobre atitudes linguísticas manifestas por falantes, em contextos de fronteira e imigração, de duas localidades paranaenses, além de R.B. Le Page e Andrée Tabouret-Keller (1985), em seus estudos sobre comunidades caribenhas multilíngues, de Suely de Sousa Martins e Luiz Henrique de Oliveira (2020), no estudo “Linguagem e sociedade: um estudo sobre identidade(s) linguística(s), prestígio e preconceito linguístico” e de Cecelia Anne Cutler (2007), em seus estudos sobre a relação entre o Hip-Hop e a Sociolinguística.

Será descrito o **contexto social** onde estão inseridos os falantes, com especial atenção à imagem social do uso da variedade dentro e fora da comunidade linguística, tendo como referência a pesquisa de Ingunn Ims (2013), sobre os termos utilizado

para se referir às novas formas de se falar nos ambientes multilíngues de Oslo, e análise de Bente Ailin Svendsen (2014) sobre o valor social do termo “*kebabnorsk*” e sobre a construção de relações causais entre problemas sociais e o uso da variedade multiétnica de Oslo, na mídia norueguesa.

Finalmente, busca-se compreender o valor sócio-identitário da variedade urbana multiétnica de Oslo, estando ela inserida em um contexto linguístico hierarquizado que impõe a língua norueguesa oficial como superior a línguas minoritárias e variedades de origem imigratória.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. SOCIOLINGÜÍSTICA

A Sociolinguística, ponto teórico de apoio deste trabalho, concebe a língua como fato social, distanciando-se da perspectiva estruturalista saussuriana, que observa “a língua em si mesma”, mas que deixa de lado o contexto social no qual ela existe. (CALVET, 2002). Segundo Calvet:

[...] o desafio lançado à ciência [pela] concepção [da língua como fato social] [...] era de poder explicar todos os fatos das línguas (tanto sincrônicos como diacrônicos) em relação constante com a sociedade da qual essas línguas são o meio de expressão. Explicar e não meramente descrever. A descrição das línguas e das situações das línguas é com efeito coisa relativamente simples (mesmo que para isso seja preciso elaborar uma teoria), mas que permanece na superfície dos fatos, que é cientificamente frágil. Para compreender o porquê dessas situações, o porquê da variação linguística, das atitudes e das estratégias, é preciso ir à raiz – social – dos fenômenos; e é isso que faz caducar a oposição entre lingüística [sic] e sociolingüística [sic] (CALVET, 2002, p. 144).

No âmbito da Sociolinguística, será explorada a Sociologia da Linguagem, que aborda a “organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários” (CORBARI, 2013, p. 60).

Entre os pioneiros dos estudos sociolinguísticos na década de 70, Calvet destaca, principalmente, o estadunidense William Labov, que em seus estudos sobre variação linguística nos Estados Unidos, retorna à teoria do linguista Antoine Meillet de que “é preciso buscar a explicação da irregularidade das variações lingüísticas [sic] nas flutuações da composição social da comunidade lingüística [sic]” (CALVET, 2002, p. 32). Partindo do pressuposto que “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 215), Labov considera que seja impossível distinguir entre a Linguística Geral e a Sociolinguística e declara radicalmente que “a *sociolingüística é a lingüística*” (CALVET, 2002, p. 33). A partir dos estudos de Labov sobre situações linguísticas contemporâneas nasce a linguística variacionista.

2.1.1. COMUNIDADE LINGÜÍSTICA E DE FALA E VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

Nas palavras de Clarice Corbari:

As pessoas da mesma comunidade linguística compartilham o conhecimento do sistema de sons, de gramática e vocabulário de uma língua; porém, no interior de uma comunidade linguística, existem várias comunidades de fala, isto é, grupos de indivíduos que compartilham suposições, expectativas e normas a respeito do uso da linguagem (modos de polidez, maneiras de responder aos outros, adequação de temas em função do interlocutor etc.) (2013, p. 36).

Sendo assim, as línguas, ainda que “um instrumento usado pelos membros da comunidade para se comunicar entre si” (LABOV, 2008, p. 320), não são facilmente definidas. Corbari defende que, “na maioria das vezes, a diferença entre línguas não é linguística, mas religiosa e geopolítica” (2013, p. 31) e o mesmo pode ser dito sobre o que difere a língua, isto é, “um sistema linguístico abstrato que, por razões políticas, econômicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para seus falantes, e que é normatizado por meio de instrumentos próprios, como gramáticas e dicionários” (CORBARI, 2013, p. 31); de variedade linguística, que Calvet define como um: “sistema de expressão lingüística [sic] que pode ser identificado pelo cruzamento de variáveis lingüísticas [sic] (fonéticas, morfológicas, sintáticas etc.) e de variáveis sociais (idade, sexo, região de origem, grau de escolarização etc.)” (CALVET, 2022, p. 170).

Nesse contexto, coloca a variedade padrão, caracterizada pelo prestígio social e “quase sempre associada aos usos escritos literários ou mais formalizados” (CALVET, 2022, p. 168), em contraste às variedades não-padrão, que não se conformam à norma.

Variiedades linguísticas são resultado de mudanças linguísticas, foco de estudos de William Labov, que tratou principalmente de mudanças fonológicas. Ele apresenta uma proposta de mecanismo da mudança sonora, em que descreve como as variáveis sociais têm um impacto direto na criação e na evolução de variantes linguísticas.

Nesse contexto, a mudança surge em uma comunidade de fala como “*mudança vinda de baixo*, isto é, abaixo do nível da consciência social” e é caracterizada inicialmente como indicador de pertencimento ao grupo. Com a adoção do uso da mudança sonora por todos da comunidade de fala, ela “agora é um *marcador* e começa a exibir variação estilística” (LABOV, 2008, p. 210-211).

A partir da normatização da variante na comunidade de fala, “os membros do grupo de maior status [social] acabam por estigmatizar a forma resultante de mudança, por meio do controle que eles têm das várias instituições da rede de

comunicação” (LABOV, 2008, p. 211), levando a uma estratificação estilística e social das variantes linguísticas, e portanto, das variedades.

2.1.1.1. GÍRIA E VARIAÇÃO SOCIAL E ESTILÍSTICA

Labov defende que a variação social e estilística desempenha um papel importante na mudança linguística:

Por "social" entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por "estilística", as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento "expressivo"- o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer "a mesma coisa" de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (LABOV, 2008, p. 313).

Do mesmo modo, Harchaoui observa que a gíria, por definição, exibe variação social e linguística: “por um lado, a gíria é um aspecto divertido e criativo da língua, mas por outro lado, é um símbolo de não conformismo linguístico e social. [...] É um fenômeno estilístico que os falantes utilizam para caracterizar a sua fala”² (2014, p. 6, tradução nossa), destacando que o uso de gírias não indica falta de competência na variedade padrão. Assim como Calvet em sua definição de variedade não-padrão, a autora defende a ideia de que uma gíria pode ser definida como tal quando comparada à sua variante padrão.

Da mesma forma, Bourdieu (2008) aponta que o dicionário, registro oficial da norma padrão de uma língua, define a gíria a partir de sua inconformidade:

[...] o dicionário reúne pelo registro erudito a totalidade dos *recursos lingüísticos* [*sic*] acumulados ao longo do tempo e, em particular, todas as utilizações possíveis da mesma palavra (ou todas as expressões possíveis do mesmo sentido), justapondo usos socialmente estranhos e até mesmo exclusivos (com o risco de marcar com um sinal de exclusão, como, por exemplo, *VX./Arcaico*, *Pop./Popular* ou *Gír./Gíria*, os que ultrapassam os limites do aceitável) (BOURDIEU, 2008, p. 34-35).

2.1.2. ETNOLETOS, MULTIETNOLETOS OU “DIALETOS DE CONTATO URBANO”

² [...] *On the one hand, slang is a fun and creative side of language, while on the other hand, it is a symbol of linguistic and social nonconformity. [...] It is a stylistic phenomenon which speakers use to colour their speech.*

O conceito de etnoleto foi inicialmente proposto por Michael Clyne como: “[variedade] de uma língua que [identifica] os falantes de grupos étnicos que originalmente usavam outra língua ou variedade distinta”³ (2000 *apud* HARCHAOU, 2014, p. 5, tradução nossa). No entanto, Harchaoui acredita que essa definição pressupõe que os falantes pertencem a um grupo étnico específico, o que não retrata o caráter multiétnico das comunidades de fala, que contam não só com falantes de origens migratórias variadas, como com “falantes da maioria monolíngue sem origem migratória”⁴ (WIESE, 2016, p. 4, tradução nossa). Dessa forma, o termo multietnoleto é utilizado em algumas descrições de variedades linguísticas na Europa para destacar o aspecto multiétnico das comunidades de fala.

Já “dialetos de contato urbano” são definidos por Wiese como “vernáculos urbanos que emergiram em contextos de diversidade linguística baseada em processos migratórios, entre jovens nascidos localmente, marcando os seus falantes como pertencentes a um grupo multiétnico e jovem”⁵ (2016, p. 3, tradução nossa). No entanto, a autora comenta que o contexto urbano permite que as variedades linguísticas de contextos multiétnicos, especialmente naqueles mais bem estabelecidos, indiquem como aspecto central, mais do que o contexto multiétnico, a localidade urbana da comunidade de fala. Nesse caso, geralmente é preferido o termo “dialeto urbano” em vez de multietnoleto.

Na Europa, a população urbana de origem imigratória, notavelmente mais jovem do que a população em geral, compõe uma grande parte das comunidades de fala de variedades urbanas multiétnicas. No âmbito da variação linguística, a juventude é especialmente interessante, uma vez que adolescentes são considerados “os principais agentes de mudança, dado que são um grupo social que está forjando novas identidades e que se orienta fortemente para os seus pares, o que leva a novas práticas e estilos linguísticos”⁶ (WIESE, 2016, p. 6, tradução nossa). Sendo assim, Wiese define que os “dialetos de contato urbano” geralmente são falados por membros de comunidades multiétnicas e originam-se na juventude urbana.

³ [...] *[variety] of a language that [marks] speakers of ethnic groups who originally used another language or distinctive variety.*

⁴ [...] *monolingual majority speakers without a migrant background.*

⁵ [...] *urban vernaculars that emerged in contexts of migration-based linguistic diversity among locally born young people, marking their speakers as belonging to a multiethnic peer group.*

⁶ *Young adolescent speakers are often regarded as the main agents of change since they are a social group that is forging new identities for themselves and strongly orients towards peers, leading to new linguistic practices and styles.*

As variedades urbanas multiétnicas na Europa, por meio do contato linguístico, podem sofrer mudanças lexicais, sintáticas e morfológicas. Wiese ressalta que “o contato funciona como um estímulo para tendências internas já existentes [nas línguas majoritárias] e, assim, estimulando ou facilitando a mudança”⁷ (2016, p. 16, tradução nossa), formando novas formas das línguas majoritárias, diferente de outras situações de contato linguístico em que são formadas koinés, por exemplo.

A autora comenta que essas mudanças são parte de um grande repertório linguístico, que inclui as variedades padrão das línguas majoritárias, e são utilizadas em situações informais entre os falantes da comunidade de fala, o que demonstra manipulação linguística deliberada comparável à variação estilística descrita por Labov.

2.1.3. CONTEXTO OU ESPAÇO: LÍNGUA EM SOCIEDADE

Quando se trata de multilinguismo, trata-se também de diglossia, o que Calvet define como o “uso de duas línguas ou de duas variedades lingüísticas [*sic*] dentro de uma mesma comunidade lingüística [*sic*], cada uma delas detentora de um *status* social determinado, o que lhe garante um conjunto específico de usos” (CALVET, 2002, p. 167). Diglossia, como conceito, foi introduzido inicialmente por Charles Ferguson, que “identificou nas situações de diglossia um conjunto de traços, definidos a partir dos seguintes aspectos: função, prestígio, herança literária, aquisição, estandardização, estabilidade, gramática, léxico e fonologia”. Nesse contexto, as variedades são separadas em alta e baixa. A variedade alta, ou padrão, é caracterizada pelo prestígio social, sendo utilizada em situações oficiais ou formais e na produção de “literatura conhecida e admirada”, além de ser padronizada por meio de dicionários ou gramática. Já a variedade baixa, ou não-padrão, exibe menor prestígio social em relação à alta e é utilizada em situações informais, como em interações familiares e entre pares (CORBARI, 2013).

Posteriormente, a definição de diglossia seria ampliada por Joshua Fishman, podendo se referir a duas ou mais línguas ou variedades linguísticas, incluindo “línguas de imigrantes em contato com a língua majoritária do país de destino, por exemplo” (CORBARI, 2013, p. 44). Outro aspecto da diglossia que foi discutido é o da

⁷ [...] *contact works as a boost for existing, internal tendencies [in the majority languages], thus stimulating or facilitating change.*

estabilidade que, segundo Calvet, “dava a entender que essas situações podiam ser harmoniosas e duráveis” (2009 apud CORBARI, 2013, p. 45), ignorando os conflitos existentes em situações de diglossia. Como aponta Corbari:

[...] embora nem sempre as situações de línguas em contato se deem em um contexto de embates mais acirrados, não estão totalmente isentas de conflito, que pode ocorrer, por exemplo, devido ao valor designado a uma e outra língua ou variedade e às discrepâncias em relação ao lugar que cada uma delas deve ocupar na vida social (2013, p. 46).

Pode-se relacionar esses valores às atitudes linguísticas, ou “sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam” (CALVET, 2002, p. 65). Corbari cita a defesa de Fishman de que a atribuição de valores simbólicos a línguas ou variedades linguísticas é uma consequência da diferenciação funcional, ou seja, das situações nas quais o seu uso é considerado adequado.

Se certas variedades são indicativas de certos interesses, de certos backgrounds, ou de certas origens, então elas vêm a representar os laços e as aspirações, as limitações e as oportunidades com as quais esses interesses, backgrounds e origens, por sua vez, estão associados (FISHMAN, 1972 apud CORBARI, 2013, p. 60).

Do mesmo modo, Bourdieu (2008), apresenta as trocas linguísticas não só como instrumentos de comunicação, mas também como “relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores e os seus respectivos grupos” (p. 23). Nesse contexto, os produtos linguísticos, isto é, a fala, e o valor simbólico atribuído a eles, partem do princípio de que há uma “língua oficial” ou “língua-padrão”, que é elaborada, legitimada e imposta pelo Estado e por suas instituições. O sociólogo destaca, como exemplo, a relação do sistema de ensino com o mercado de trabalho para “a desvalorização dos modos de expressão populares” (p. 36), isto é, as variedades linguísticas não-padrão.

Sendo assim, a habilidade de “produzir frases suscetíveis de serem compreendidas pode ser inteiramente insuficiente para produzir frases suscetíveis de serem escutadas” (BOURDIEU, 2008, p. 42). Não ser detentor de uma competência linguística legítima, isto é, ser capaz de produzir frases reconhecidas como admissíveis em qualquer situação, significa fazer uso de “jargões idiomáticos ou vulgares” (p. 40), revelando “um sistema de oposições lingüísticas [*sic*] que é a *retradução* de um sistema de diferenças sociais” (p. 41). Segundo Bourdieu:

Falar é apropriar-se de um ou outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa

hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes (2008, p. 41).

No âmbito da Linguística Variacionista, a variação é um pré-requisito para a atribuição de valores sociais a regras linguísticas (LABOV, 2008). A partir disso são criados estereótipos linguísticos, que trazem consigo o conceito de “*bon usage*, a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis” (CALVET, 2002, p. 68).

Esses estereótipos, ao criar uma relação entre formas de falar a supostas atitudes, características pessoais e valores, “indexam um dado grupo de pessoas e suas supostas características, valores, moradias e status sócio-econômicos”⁸ (SVENDSEN, 2014, p. 34, tradução nossa). Svendsen define indexação como uma parte de um processo semiótico no qual certas maneiras de falar adquirem um significado simbólico. Esse significado não é natural ou estatístico, e deve ser reiterado de forma contínua, justamente por não poder ser provado.

No caso das variedades linguísticas oriundas de espaços urbanos multilíngues e multiétnicos na Europa, Wiese (2016) argumenta que “o viés monolíngue das sociedades europeias”⁹ (p. 2, tradução nossa), considerado um pilar importante para a união nacional, pode gerar perspectivas negativas das variedades urbanas multiétnicas e, por extensão, à desvalorização dos seus falantes, que são retratados como “Outros”, social e etnicamente.

[...] o multilinguismo de falantes de línguas de herança [...] em áreas urbanas costuma ser visto como um problema, seja para a coesão social ou para a educação. Isso se baseia em duas fontes ideológicas da língua: (1) a ideologia da língua padrão (Milroy & Milroy 1992), ou seja, a crença em uma “variedade padrão” homogênea, discreta e superior que leva à desvalorização de outras variantes como inferiores e deficientes e, conseqüentemente, de seus falantes como menos competentes, e (2) um viés monolíngue generalizado (Kachru 1994; Cook 1997) que considera o monolingüismo como a norma e o “habitus monolíngue” (Gogolin 1994, 2002) que o acompanha, ou seja, um habitus que reflete suposições de homogeneidade linguística e cultural e que trata as práticas multilíngues como inadequadas¹⁰ (WIESE, 2016, p. 7, tradução nossa).

⁸ [...] indeksikaliserer en gitt gruppe mennesker og deres angivelige personlige egenskaper og verdier, bosted og sosio-økonomiske bakgrunn.

⁹ [...] the monolingual bias in European societies.

¹⁰ [...] the [...] multilingualism of heritage speakers in urban areas is often seen primarily as a problem, be it for social cohesion or for education. This is based on two language-ideological sources: (1) standard language ideology (Milroy & Milroy 1992), that is, a belief in a homogeneous, discrete, and superior “standard variety” that leads to the devaluation of other variants as inferior and deficient, and accordingly of their speakers as less competent, and (2) a widespread monolingual bias (Kachru 1994; Cook 1997) that regards monolingualism as the norm, and the “monolingual habitus” (Gogolin 1994, 2002) that accompanies it, that is, a habitus reflecting assumptions of linguistic and cultural homogeneity that treats multilingual practices as deviant.

As atitudes linguísticas, portanto, ao contribuir para a criação e manutenção de estereótipos e de uma norma linguística, “influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística” (CORBARI, 2013, p. 60), especialmente no que tange aos comportamentos linguísticos que podem provocar:

De fato, [elas podem] desenvolver dois tipos de conseqüência [sic] sobre os comportamentos lingüísticos [sic]: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática lingüística [sic] ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar (CALVET, 2002, p. 69).

Convém frisar um outro comportamento linguístico provocado por atitudes e normas linguísticas - exemplificado pelo “*London Jamaican*” (LE PAGE; TARBOURET-KELLER, 1985), referente à variedade linguística utilizada por adolescentes londrinos de origem caribenha na capital inglesa: aquele em que “o vernáculo [...] pode estar em conflito direto com normas padrões, sendo utilizado pelos falantes como um símbolo para carregar significados sociais poderosos e, dessa forma, resistente a pressões sociais”¹¹ (MILROY, 1980 apud LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985, p. 245, tradução nossa).

2.1.4. LÍNGUA E IDENTIDADE

A utilização de uma ou outra variante linguística, quando inconsciente, pode indicar “algo sobre a categoria social do falante” e quando consciente “diz algo sobre o comportamento do falante que utiliza a língua para agir” (CALVET, 2002, p. 103). Nesse contexto, Cutler aponta que:

Pesquisadores estão se concentrando cada vez mais nos aspectos 'construídos' e multifacetados da identidade, na autonomia do falante e no uso da linguagem como um dispositivo semiótico para sinalizar posições, alinhamentos, personas e outros modos de autorrepresentação (Rampton 1995; Bucholtz 1999; Bell 2001; Coupland 2001; Irvine 2001; Alim 2004a; e outros). Este enfoque está de acordo com pesquisas mais gerais, para além do campo da linguística, que conceptualizam a identidade social como 'performativa', compreendendo a ideia de que as pessoas usam os recursos semióticos proporcionados por diferentes estilos de linguagem, gestos, andar, vestuário, penteados, acessórios e assim por diante para criar uma variedade de performances elaboradas de 'eus' sociais¹² (CUTLER, 2007, p. 8, tradução nossa).

¹¹ [...] *the vernacular [...] may be in direct conflict with standardised norms, utilized as a symbol by speakers to carry powerful social meanings and so resistant to external pressures.*

¹² *Researchers increasingly are focusing on the 'constructed' and multifaceted nature of identity, the agency of the speaker, and the use of language as a semiotic device to signal stances, alignments, personas, and other modes of self-presentation (Rampton 1995; Bucholtz 1999; Bell 2001; Coupland*

Pode-se considerar, portanto, a língua como um instrumento de expressão da identidade de um indivíduo, principalmente no que tange ao uso de variedades urbanas multiétnicas no contexto ideológico do continente europeu, geralmente monolíngue, que valoriza o uso da língua padrão.

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo” (AGUILERA, 2008 apud CORBARI, 2013, p. 59).

Segundo informa Corbari, em certas comunidades de descendentes de imigrantes, “um falante bilíngue pode ser identificado por traços linguísticos que derivam de línguas em contato” (2013, p. 48), podendo gerar i) sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante, levando à conformidade à língua padrão; ou ii) sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade entre aqueles que compartilham dos usos linguísticos. Em todo caso, os usos linguísticos resultantes do contato linguístico são marcas de identidade étnica e, portanto, social.

Da mesma forma, Cecelia Cutler (2007) comenta sobre o uso da “língua do hip hop”¹³, que divide características lexicais e sintáticas com o inglês afro-americano, e sobre como a sua utilização em músicas de rap e hip hop por pessoas de diversas origens étnicas e raciais nos Estados Unidos são um símbolo de criatividade, de autenticidade e de origem urbana. Cutler argumenta que a “língua do hip hop” revela atitudes “sejam positivas, negativas ou ambivalentes - em relação aos afro-americanos, a cultura do hip hop e a cultura branca predominante¹⁴”(CUTLER, 2007, p. 9, tradução nossa), especialmente quando utilizada por artistas brancos.

No contexto europeu,

[...] as experiências compartilhadas de discriminação em uma sociedade caracterizada por ideologias monolíngues e monoétnicas podem levar à redução das distinções étnicas entre os descendentes de imigrantes, ao mesmo tempo em que mantêm as distinções entre eles e uma etnia majoritária. [...] Ao mesmo tempo, porém, evidências convergentes de

2001; Irvine 2001; Alim 2004a; and others). This focus falls in line with more general research beyond the field of linguistics that conceptualizes social identity as ‘performative’, capturing the idea that people use the semiotic resources afforded by different styles of language, gesture, gait, clothing, hairstyles, accessories and so on to create a variety of elaborate performances of social ‘selves’.

¹³ *Hip-Hop Language (HLL)*

¹⁴ [...] *whether positive, negative or ambivalent – towards African Americans, hip-hop culture, and mainstream White culture.*

diferentes países europeus indicam que os falantes monolíngues de origem majoritária também participam sistematicamente desses vernáculos [...] como membros legítimos de uma comunidade de fala multiétnica em bairros urbanos mistos¹⁵ (WIESE, 2016, p. 8, tradução nossa).

Sendo assim, nos bairros urbanos multiétnicos e multilíngues da Europa, os falantes das variedades de contato urbano “forjam uma identidade urbana compartilhada que se mantém em todas as etnias”¹⁶ (WIESE, 2016, p. 8, tradução nossa).

Para Karmela Liebkind, conforme apresenta Corbari, a “identidade social; [...] relaciona-se ao autoconceito de um indivíduo, que deriva de seu pertencimento a grupos sociais” (CORBARI, 2013, p. 51). Se considerarmos o aspecto étnico da identidade social, ele é construído a partir da crença subjetiva em uma ancestralidade comum.

A identidade étnica, nesse sentido, define-se como identidade social. [...] Os indivíduos percebem a si mesmos como pertencentes a grupos sociais, e o reconhecimento de filiação a esses grupos traz consigo um conhecimento dos valores, positivos ou negativos, que estão ligados a esses grupos (CORBARI, 2013, p. 51).

Corbari ainda frisa que, no âmbito da identidade étnica, “o indivíduo se vê e se define em oposição ao outro, ou seja, percebe-se com determinadas características comuns aos membros de seu grupo social, mas que são diferentes das dos membros de outros grupos sociais” (CORBARI, 2013, p. 51).

Segundo Bourdieu, as relações de poder estão intimamente ligadas à criação de identidades sociais, onde há um conflito no qual o poder dominante e o dominado lutam pelo reconhecimento de critérios que definem a identidade dos grupos sociais.

As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem, bem como das demais marcas que lhes são correlatas, como, por exemplo, o sotaque, constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima da divisão do mundo social e, por essa via, *de fazer e desfazer os grupos*. O móvel de todas essas lutas é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e o consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo, que está na raiz da realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 2008, p. 108).

¹⁵ [...] *shared experiences of discrimination in a society characterised by monolingual and monoethnic ideologies can lead to the decrease of ethnic distinctions between descendants of immigrants, while retaining those between them and [...] [a] majority ethnicity. [...] At the same time, though, converging evidence from different European countries indicates that monolingual, majority background speakers systematically participate in these vernaculars as well [...] as legitimate members of a multiethnic speech community in mixed urban neighbourhoods.*

¹⁶ [...] *they forge a shared urban identity for themselves that holds across ethnicities.*

O sociólogo argumenta que a imposição, o reconhecimento, dos critérios da divisão do mundo social, isto é, da identidade social de cada grupo é realizada por meio do discurso:

[...] o poder quase mágico das palavras reside na objetivação e na oficialização de fato levadas a cabo pela nomeação política, diante de todos, e cujo principal efeito consiste em extrair a particularidade (na raiz do princípio do particularismo) do impensado ou até mesmo do impensável (é exatamente o que ocorre quando **o ‘linguajar’ inominável se afirma como língua suscetível de ser falada publicamente**); e a oficialização contra sua plena realização na *manifestação*, ato tipicamente mágico (o que não quer dizer desprovido de eficácia) através do qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, reprimido, torna-se visível, manifesto, tanto para os outros grupos como *para si mesmo*, atestando sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando sua pretensão à institucionalização. O mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto.” (BOURDIEU, 2008, p. 111, grifo nosso).

No caso da variedade urbana multiétnica de Oslo, como veremos adiante, há um embate pelo reconhecimento social de critérios identitários entre as classes dominantes, que “buscam unificar a língua, por meio de diversos mecanismos” (MARTINS & OLIVEIRA, 2020, p. 126) e os falantes da variedade, que buscam equipará-la a variedades minoritárias já reconhecidas:

Conforme Bauman (2005, p. 19), “As identidades flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (MARTINS & OLIVEIRA, 2020, p. 126).

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIEDADE LINGUÍSTICA URBANA DE ADOLESCENTES MULTILÍNGUES E MULTIÉTNICOS DE OSLO

3.1. PRÁTICAS LINGUÍSTICAS DE ADOLESCENTES EM CONTEXTOS URBANOS NA NORUEGA

Antes de passar às considerações sobre a construção do valor sócio-identitário da variedade urbana multiétnica de Oslo, parece ser pertinente identificar as práticas linguísticas da comunidade de adolescentes dos bairros multiétnicos de Oslo.

Segundo Harchaoui (2014), Stine Aasheim (1995) foi a primeira a realizar estudos sobre as práticas linguísticas de adolescentes em contextos urbanos na Noruega, nos quais estudou os empréstimos linguísticos das línguas faladas por imigrantes em Oslo, identificando uma variedade linguística utilizada especificamente por adolescentes, também chamada de “*kebabnorsk*”, em referência ao prato de origem árabe. Esta variedade é marcada, principalmente, por variantes léxicas que, segundo Harchaoui, são usadas como gírias.

Harchaoui, no artigo “*Borrowing in Youth Speech in Scandinavia - The Oslo Case Study*”¹⁷, fez uma análise comparativa dos empréstimos utilizados como gírias por adolescentes dos bairros orientais da capital norueguesa, com grande concentração de imigrantes, e por adolescentes dos bairros ocidentais, com menor concentração de imigrantes. Com esse objetivo, ela teve como base os corpora de três projetos: i) *UPUS-project*, com foco nos usos linguísticos de adolescentes de dois bairros multiétnicos de Oslo, *Gamle Oslo* e *Søndre Nordstrand*, compilado entre 2006 e 2008; ii) *NoTa-project (Norwegian Speech Corpus)*, compilado entre 2004 e 2006, com foco em práticas linguísticas dos mais variados falantes da capital inteira; e iii) *UNO-project (Youth speech and Language contact in the Nordic countries)*, de 1997 a 2001, com foco nas práticas linguísticas e uso de gírias de adolescentes escandinavos¹⁸.

A capital norueguesa, composta por 16 bairros, é dividida em leste e oeste, sendo o lado ocidental considerado mais próspero e com uma menor concentração de imigrantes, enquanto o lado oriental é ocupado por muitos imigrantes desde a década de 80. “Em 2007, a população de origem imigratória (isto é, habitantes cujos

¹⁷ Empréstimos na fala da juventude na Escandinávia - O estudo de caso de Oslo

¹⁸ Nenhum dos corpora está disponível para consulta pública.

dois pais nasceram no exterior) constituía 24% da população de Oslo (SSB, 2007)”¹⁹ (HARCHAOUI, 2014, p. 10, tradução nossa).

Os corpora dos projetos citados, anteriormente, demonstram que os empréstimos do lado ocidental da capital tendem a ser, em sua maioria, do inglês e de outras línguas europeias, como o francês, o alemão e o espanhol, sendo quase inexistentes empréstimos de línguas não-europeias. Na região oriental da cidade se concentram os empréstimos de línguas não europeias, como o urdu, o árabe, o berbere, o turco e o punjabi.

Enquanto a utilização de gírias norueguesas e de empréstimos do inglês pode ser observada em todas as áreas de Oslo, os empréstimos de palavras não-europeias são muito frequentes no leste e quase inexistentes no oeste. Os resultados do *NoTa* mostraram que 89% das palavras não-europeias foram emprestadas por adolescentes nos distritos orientais. 81% desses empréstimos foram feitos por meninos. As mais comuns são *wolla* (árabe, “juro por Alá”), *taz* (“piada”), *kæbe* (árabe, “prostituta”), *sjpa* (berbere, “bom”), *tasja* (origem desconhecida, “roubar”), *avor* (berbere, “fugir”). Os empréstimos não-europeus do UPUS representam 58%. No topo da lista encontramos *wolla* (133 ocorrências), *lø* (28 ocorrências, ‘interjeição para algo surpreendente’), *kåran* (6 ocorrências, ‘Alcorão’), *bejsti* (4 ocorrências, ‘ruim’ ou ‘idiota’) ou *sjpa* (4 ocorrências, ‘bom’). O ponto interessante aqui é que o léxico não-europeu só se encontra atualmente nos distritos orientais de Oslo²⁰ (HARCHAOUI, 2014, p. 10, tradução nossa).

Harchaoui exemplifica as principais noções expressadas por meio de gírias, sendo elas: opiniões, tópicos específicos de interesse de adolescentes, referências ao outro e tabus.

Foram identificadas, nos três corpora, mais de 20 ocorrências de gírias que expressam opiniões favoráveis ou desfavoráveis. Como exemplo de empréstimos do inglês, Harchaoui menciona “*kult* (‘cool’)-*super-mega* vs. *bad-sucks-kjipt* (‘cheap’)” e de línguas não europeias “*sjpa*, *knæs* (‘bom’) vs. *lø* (‘ruim’)”²¹ (HARCHAOUI, 2014, p. 11, tradução nossa).

Gírias e empréstimos que se referem a atividades e interesses específicos de adolescentes, em muitos casos, vêm do inglês, devido à influência da cultura

¹⁹ *In 2007, the population with immigrant background (i.e. inhabitant whose both parents were born abroad) constituted 24% of Oslo’s population (SSB, 2007).*

²⁰ *Whereas the use of Norwegian slang and English loanwords can be observed in all areas of Oslo, non-Europeans loanwords are very frequent in the East and almost non-existent in the West. NoTa’s results showed that 89% of the non-Europeans words were borrowed by teenagers in Eastern districts. 81% of these borrowings were done by boys. The most common are wolla (Arabic, ‘I swear by Allah’), taz (‘joke’), kæbe (Arabic, ‘whore’), sjpa (Berber, ‘good’), tasja (unknown origin, ‘to steal’), avor (Berber, ‘to run away’). UPUS’ non-European borrowings represent 58%. Heading the list we find wolla (133 occurrences), lø (28 occurrences, ‘interjection for something surprising’), kåran (6 occurrences, ‘The Coran’), bejsti (4 occurrences, ‘bad’ or ‘idiot’) or sjpa (4 occurrences, ‘good’). The interesting point here is that the non-European lexicon is currently only found in the Eastern districts of Oslo.*

²¹ [...] *sjpa*, *knæs* (‘good’) vs *lø* (‘bad’).

estadunidense na Europa. Esses empréstimos, geralmente, são utilizados quando se fala de tecnologia, “celulares, mp3, computadores”, mas também podem se referir a “valores e atitudes que jovens consideram prestigiosos”, como *cash*, *money* e *party* para falar de uma pessoa estilosa. Para Harchaoui, isso reflete o conhecimento do falante e prestígio, de forma implícita, a sua fala.

O uso de gírias para identificar alguém como outro, ou seja, diferente de si, é geralmente pejorativo. No caso das práticas linguísticas de adolescentes de Oslo, notam-se diferenciações de gênero, especialmente de cunho sexual. Pode-se referir a jovens homens como “*gutt – karl* (‘meninos’)[,] *drittsekk - horebukk* (‘babacas’) [...] um desejável *honk - romeo - player - sexy* ou um indesejável *bundy-stygging* (‘nojento, feio’)”²²; e a jovens mulheres como “*pike - snelle* (‘meninas’)[,] *tipse - hore* (‘putas’)”²³. A autora aponta que são utilizados empréstimos do inglês, do espanhol e do punjabi. Ela frisa, ainda, a maneira como mulheres são retratadas:

Quanto às expressões que retratam meninas, os estereótipos mais comuns dizem respeito às suas relações com meninos: são vistas como objetos (*bimbo*) ou como submissas (*tipse*, ‘puta’). Muitos termos referem-se à prostituição como *bitch*, *puta* em espanhol, *kæbe* em árabe, *veikja*, *tøtta*, *ludder* (gírias norueguesas) e à homossexualidade (*lesbe*, ‘lésbica’)”²⁴ (HARCHAOUI, 2014, p. 12, tradução nossa).

No mesmo contexto, é demonstrado que, quando se fala de assuntos tabu, os adolescentes dos bairros orientais multiétnicos preferem usar empréstimos de línguas não-europeias, uma vez que não são facilmente decifrados pela maioria da população norueguesa.

Quanto às proibições legais ou morais, os adolescentes que vivem nos bairros orientais de Oslo utilizam frequentemente o árabe, o berbere e o urdu, em vez do inglês ou do espanhol, para codificar as trocas entre pares. Identificamos, por exemplo, *baosj* para se referir à “polícia”, *floser* para “dinheiro”, *isjvar - tæsje* para “roubo”, *sjofe* para olhar, *avor* para expressar correr e sair rapidamente, *schpa - lø* para aprovação e o seu oposto, ou *gærro* para fumar tabaco e haxixe. Além disso, os adolescentes do lado oriental de Oslo referem-se frequentemente à cultura muçulmana. *Wolla*, que significa literalmente “juro em nome de Alá”, é muito comum. Mesmo que os falantes não sejam muçulmanos, usam *wolla* para atestar a veracidade das afirmações ou a sua implicação na conversa²⁵ (HARCHAOUI, 2014, p. 12,

²² [...] *gutt – karl* (‘boys’)[,] *drittsekk - horebukk* (‘assholes’) [...] *as seductive honk - romeo - player - sexy* or *as undesirable bundy-stygging* (‘nasty, ugly’).

²³ [...] *pike - snelle* (‘girls’)[,] *tipse - hore* (‘whores’).

²⁴ *Concerning expressions depicting girls, the most common stereotypes relate to their relationships with boys: they are either perceived as female objects (bimbo) or as submissive (tipse, ‘slut’). Many terms refer to prostitution as bitch, puta in Spanish, kæbe in Arabic, veikja, tøtta, ludder (Norwegian slangwords) and to homosexuality (lesbe, ‘lesbian’).*

²⁵ *As to legal or moral prohibitions, adolescents living in the Eastern districts of Oslo frequently use Arabic, Berber and Urdu rather than English or Spanish in order to encrypt exchanges between peers. We found, for example, baosj to refer to ‘the police’, floser for ‘money’, isjvar - tæsje for ‘theft’, sjofe to*

tradução nossa).

Assim, Harchaoui defende que os adolescentes dos bairros multiétnicos de Oslo utilizam empréstimos de línguas não europeias de forma estilística, isto é, adaptam “sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala” (LABOV, 2008, p. 313), para caracterizar e codificar a sua fala, marcando-os como “pertencentes a um grupo multiétnico e jovem”²⁶ (WIESE, 2016, p. 3, tradução nossa). O uso estilístico dos empréstimos de línguas não-europeias demonstra a normatização das variantes nessa comunidade de fala, que, segundo o mecanismo de mudança linguística proposto por Labov, seria seguida pela estigmatização dos seus usos linguísticos.

3.2. O DEBATE SOBRE O “KEBABNORSK”

Wiese aponta que na Noruega, conforme as ideologias de língua padrão existentes na Europa, variedades de contato urbano são associadas a indivíduos de status social menor, contribuindo para uma “dicotomia social ‘nós/eles’”, em que jovens de bairros multiétnicos “são associados a agressão e, por vezes, à oposição a valores liberais e ao medo de que dialetos de contato urbano sejam uma ameaça à língua nacional, ao sistema educacional ou à sociedade e à cultura majoritária”²⁷ (2016, p. 24). Nesse contexto, Svendsen cita uma pesquisa realizada pela *Språkrådet* e pela NRK, em 2009, na qual 62% dos noruegueses se opunham ao desenvolvimento de línguas minoritárias na Noruega, demonstrando que a ideia de uma nova variedade baseado em contato linguístico não era bem-vinda. Ambas autoras consideram curioso o sentimento de que a variedade urbana multiétnica de Oslo é “uma variedade incorreta que não faz parte da língua nacional” (WIESE, 2016, p. 24, tradução nossa), uma vez que, na Noruega, variedades linguísticas gozam de um certo prestígio e são considerados símbolos identitários e regionais.

Wiese argumenta que as atitudes negativas às variedades urbanas multiétnicas na Europa podem ser parcialmente atribuídas à xenofobia:

look, avor to express running and leaving quickly, schpa - lø for approval and its opposite, or gærro to smoke tobacco and hashish. In addition, teenagers in Eastern Oslo frequently refer to Muslim culture. Wolla which literally means ‘I swear in the name of Allah’ is widespread. Even if speakers are not Muslim, they use wolla to attest the veracity of statements or their implication in the conversation.

²⁶ [...] belonging to a multiethnic peer group.

²⁷ [...] are associated with aggression and sometimes an opposition to liberal values, and fears that urban contact dialects pose a threat to the national language, to the education system, or to majority culture and society.

[...] dado que o carácter multilíngue e multiétnico das comunidades de fala tem as suas raízes na imigração, com muitos falantes provenientes de famílias em que os avós, os pais ou, em menor grau, os próprios falantes adolescentes imigraram para o país. A desvalorização e, por vezes, um forte ressentimento, até mesmo um ódio aberto, de práticas linguísticas que são associadas a imigrantes ou aos seus descendentes pode, então, servir como *proxy* para a xenofobia e o racismo, um padrão que discuti como "*proxy racism*" para a discussão sobre o *kiezdeutsch* na Alemanha (Wiese 2015): uma projeção de demarcações e exclusões étnicas e xenófobas no plano linguístico²⁸ (2016, p. 23, tradução nossa)

Svendsen (2014), no artigo "*Kebabnorskdebatten: En språkideologisk forhandling om sosial identitet*"²⁹, trata, especificamente, da representação do termo "*kebabnorsk*" como referência à variedade urbana multiétnica de Oslo e o que isso revela sobre a imagem social que é construída na mídia sobre os jovens de origem imigratória na capital norueguesa.

A palavra "*kebabnorsk*" teve origem no sueco "*kebabsvenska*" e foi importada em meados da década de 90 para se referir às "novas formas de falar norueguês entre jovens tanto de origem imigratória quanto norueguesa" (SVENDSEN, 2014, p. 33). A palavra é amplamente utilizada na mídia por professores, intelectuais e jornalistas, apesar dos esforços de linguistas para substituí-la por termos linguísticos, como *multietnoleto*.

O uso de "*kebabnorsk*" e as suas representações na mídia, como a associação de "*kebabnorsk*" com restaurantes de *kebab*, levam muitos jovens a se distanciar dessa variedade linguística. Svendsen acredita que a comparação de maneiras de falar com características como gosto, cheiro, textura ou forma é um reflexo das percepções estereotipadas do uso da língua e das relações de poder em uma sociedade.

Esses estereótipos [linguísticos] consistem em relacionar reiteradamente formas de falar a supostas atitudes ou não-atitudes, características pessoais e valores de falantes que se supõe serem idênticos a ou parecidos com outros membros de um suposto grupo³⁰ (SVENDSEN, 2014, p. 34, tradução nossa).

²⁸ [...] given that the multilingual and multiethnic character of the speech communities has its roots in immigration, with a lot of speakers coming from families where grandparents, parents, or, to a lesser degree, the adolescent speakers themselves immigrated into the country. Devaluation and sometimes strong resentment, even open hatred, of linguistic practices that are perceived as characteristic of immigrants or their descendants can then serve as a proxy for xenophobic antagonism and racism, a pattern I discussed as "*proxy racism*" for the discussion on *Kiezdeutsch* in Germany (Wiese 2015): a projection of ethnic and xenophobic demarcations and exclusions onto the linguistic plane.

²⁹ O debate sobre o "*kebabnorsk*": Uma negociação linguístico-ideológica da identidade social.

³⁰ [De språklige] Stereotypiene er basert på en gjentatt kopling mellom en gitt måte å snakke på og angivelige aktiviteter eller inaktiviteter, personlige egenskaper og verdier hos språkbrukere som antas å være identisk med eller lik andre medlemmer av en angivelig gruppe.

Svendsen analisa como são construídas conexões entre uma suposta maneira de falar, o “*kebabnorsk*”, e um suposto grupo de pessoas, jovens de origem imigratória. Essa forma de falar é caracterizada como *dårlig norsk* (norueguês ruim), imprópria e incompreensível, e está relacionada, por meio de plataformas midiáticas, a problemas no âmbito, social, educativo e trabalhista, ao ser colocada em oposição a uma língua norueguesa padrão e limpa.

[...] o debate sobre o “*kebabnorsk*” contribui para a construção e a manutenção de percepções estereotipadas de jovens de áreas urbanas multilíngues, de práticas linguísticas “não padronizadas” e como a juventude é retratada como o “Outro” étnico devido a suas supostas práticas linguísticas. (cf. BHABHA, 1983)³¹ (SVENDSEN, 2014, p. 35, tradução nossa).

A oposição do norueguês padrão e da variedade urbana multiétnica condiz com as definições de variedades padrão e não-padrão de Calvet (2002), que nesse caso são definidas como tais a partir da atribuição de prestígio a uma variedade e da estigmatização de outra, que é demonstrada pela denominação *dårlig norsk*. Além disso, a construção e manutenção de percepções estereotipadas do grupo social ao qual é associado o uso da variedade não-padrão indica “a *retradução* de um sistema de diferenças sociais” (BOURDIEU, 2008, p. 41), ou seja, a estigmatização da variedade é um reflexo das percepções sociais negativas dos adolescentes dos bairros multiétnicos de Oslo, ou, como colocou Wiese, “uma projeção de demarcações e exclusões étnicas e xenófobas no plano linguístico”³² (2016, p. 23, tradução nossa)

O debate sobre o “*kebabnorsk*” teve início, em 4 de junho de 2009, na NRK³³, com um programa apresentado pelo rapper Danny e por uma linguista sobre uma nova variedade de Oslo que estaria sendo estabelecida em ambientes linguística e culturalmente diversos. Danny, que participou dos estudos do *UPUS-project*, comparou os falantes da nova variedade ao “icônico” (SVENDSEN, 2014, p. 40) Henrik Wergeland, a quem é atribuída a “norueguesação” (tradução nossa) da língua do país após o fim do domínio colonial dinamarquês.

Após a transmissão do programa, foi publicada uma reportagem sobre o “*kebabnorsk*” no jornal *Dagsavisen*, em 12 de junho de 2009. Essa reportagem deu origem ao “*kebabnorskdebatten*” (“debate sobre o *kebabnorsk*”), que ocorreu no

³¹ [...] *kebabnorskdebatten* bidrar til å konstruere og opprettholde stereotype oppfatninger om ungdommer i flerspråklige byområder, om «ikke-standardiserte» språklige praksiser, og hvordan ungdommene gjennom sin angivelige språklige praksis blir fremstilt som de etniske «Andre» (jf. Bhabha 1983).

³² [...] *a projection of ethnic and xenophobic demarcations and exclusions onto the linguistic plane.*

³³ Corporação Norueguesa de Radiodifusão. Acessível em: <https://www.nrk.no/>.

âmbito tanto de jornais escritos, como o *Dagsavisen*, quanto de emissoras de televisão, como a NRK.

Svendsen argumenta que as reportagens constroem “uma ligação causal entre falar ‘*kebabnorsk*’, o desemprego e ser um jovem de origem imigratória”³⁴ (SVENDSEN, 2014, p. 41, tradução nossa). Ela cita trechos das reportagens, em que são entrevistados adolescentes de bairros multilíngues e multiétnicos de Oslo, competentes em “*kebabnorsk*”, linguistas e “pesquisadores da vida no trabalho”³⁵. Nelas, uma pesquisadora afirma que o desemprego entre imigrantes é maior do que no resto da população, para desencorajar o uso da variedade. No entanto, os adolescentes demonstram capacidade de mudar a maneira de falar em diferentes contextos, e acreditam que não se deve falar “*kebabnorsk*” em entrevistas de emprego, por exemplo. Isso demonstra a competência dos adolescentes na variação estilística, ou seja, são capazes de utilizar a variedade padrão, ou alta, em situações oficiais ou formais, e a variedade não-padrão, ou baixa, em interações familiares e entre pares, conforme as definições de variedades alta e baixa de Corbari (2013).

Quanto ao debate televisionado sobre o “*kebabnorsk*”, a autora usa como exemplo o debate promovido no *I kveld*, ao qual foram convidados o rapper Danny, do programa de 4 de junho na NRK que inspirou o debate, e um representante da NHO Service, uma associação nacional de empresas privadas.

Na introdução do programa, o apresentador reitera a suposta relação entre “*kebabnorsk*” e desemprego. Em seguida, é apresentado um clipe da série de TV da NRK, *Typisk norsk* (“norueguês típico”), no qual se visita uma escola no bairro de Holmlia para “ouvir o verdadeiro ‘*kebabnorsk*’”³⁶ (SVENDSEN, 2014, p. 46, tradução nossa). No entanto, em vez de produzirem falas espontaneamente, os estudantes recebem frases e palavras, por vezes sexualizadas, escritas em pedaços de papel, que devem ser lidas em voz alta e “traduzidas”. Para Svendsen, isso demonstra a pré-construção de uma narrativa a respeito da juventude de origem imigratória e do “*kebabnorsk*”, estabelecendo-os como inapropriados e diferentes do resto da população.

³⁴ [...] en årsakssammenheng mellom det å snakke «*kebabnorsk*», arbeidsledighet og det å være ungdom med innvandrerbakgrunn.

³⁵ [...] arbeidslivsforsker.

³⁶ [...] for å høre ekte *kebabnorsk*.

O representante do NHO, que, segundo o apresentador do programa, representa os empregadores do setor privado, chama a variedade de “*stammespråk*” e “*unorsk*” (“língua tribal” e “anti-norueguês”), considerando o desemprego como uma consequência lógica do “*kebabnorsk*”. Ele constrói, assim, uma oposição entre “a língua norueguesa homogênea, original e ‘limpa’” e “a ‘língua tribal’ ‘incompreensível’”³⁷ (SVENDSEN, 2014, p. 47, tradução nossa). Já Danny argumenta que os jovens são capazes de adaptar a sua fala a contextos diferentes e que há outros fatores para o desemprego, citando o preconceito contra jovens de origem imigratória e falta de qualificação dessa população.

Segundo Svendsen, uma vez que o uso do *kebabnorsk* é apontado como a causa de problemas sociais como o desemprego, a responsabilidade da discriminação passa a ser dos discriminados. Convém frisar que jovens de origem imigratória e de origem majoritária estão igualmente presentes no sistema de ensino e no mercado de trabalho, mesmo com a discriminação que ocorre nesses ambientes:

Midtbøen e Rogstad (2012) mostram, por exemplo, que a discriminação nos processos de contratação constitui uma barreira substancial ao acesso ao mercado de trabalho para as pessoas oriundas de minorias étnicas: A probabilidade de ser chamado para uma entrevista de emprego é reduzida, em média, em cerca de 25% se o candidato tiver um nome estrangeiro, em comparação com candidatos com qualificações idênticas e de origem majoritária³⁸ (SVENDSEN, 2014, p. 51, tradução nossa).

A taxa de desemprego é, de fato, maior entre imigrantes do que entre jovens noruegueses, sejam eles de origem imigratória ou majoritária (SVENDSEN, 2014, p. 52). No entanto, segundo Wiese, a maioria dos falantes de variedades urbanas multiétnicas não são imigrantes. Katrine Fangen (2010) argumenta que o desemprego entre imigrantes jovens está associado à sua exclusão do sistema educacional e do mercado de trabalho.

No sistema educacional, Fangen atribui a alta taxa de desistência entre imigrantes jovens a baixa classe social de muitas famílias imigrantes, nas quais os pais, muitas vezes com pouca educação e, por vezes, analfabetos, servem de exemplo para seus filhos. Além disso, a língua é uma barreira para a inserção na

³⁷ [...] [et] homogent, originalt og «rent» norsk språk versus dette «uforståelige» «stammespråket».

³⁸ Midtbøen og Rogstad (2012) viser for eksempel at diskriminering i ansettelsesprosesser utgjør et substansielt hinder for tilgangen til arbeidslivet for personer med etnisk minoritetsbakgrunn: Sannsynligheten for å bli kalt inn til et jobbintervju reduseres i gjennomsnitt med om lag 25 prosent dersom søkeren har et utenlandsk-klingende navn, sammenlignet med identisk kvalifiserte søkere med majoritetsbakgrunn.

escola, uma vez que devem ser ensinados e alfabetizados em norueguês em até 1 ano. Após esse período, devem acompanhar as aulas com colegas noruegueses.

Já no mercado de trabalho, os fatores que dificultam a entrada de imigrantes são, principalmente, falta de experiência, de qualificações, de networking e de proficiência na língua oficial. A discriminação também contribui para a exclusão de imigrantes jovens do mercado de trabalho, principalmente em áreas com menor demanda de trabalhadores. Fangen usa de exemplo Sharif, um imigrante da Somália formado em Economia, que não conseguiu um emprego em sua área e foi forçado a dar aulas de língua somali como fonte de renda. Já em áreas com maior demanda de trabalhadores, como o sistema de saúde, os imigrantes encontram menos resistência.

No debate sobre o “*kebabnorsk*” de 2009, cria-se, portanto, “uma imagem de jovens desempregados de origem imigratória, quase como se o desemprego fizesse parte da essência biológica ou cultural dos jovens”³⁹ (SVENDSEN, 2014, p. 49, tradução nossa). Svendsen nota que, na construção do suposto falante de “*kebabnorsk*”, o gênero também é relevante, dado que as meninas são omitidas do debate.

Apenas meninos foram entrevistados pelo Dagsavisen, e só há meninos na escola de Holmlia [...] no clipe do *Typisk norsk*. São apenas meninos que respondem às perguntas do apresentador e é um menino que lê e traduz as palavras sexualizadas. Danny também é um homem⁴⁰ (SVENDSEN, 2014, p. 50, tradução nossa).

Dessa forma, o debate estabelece uma relação causal em que, segundo Svendsen (2014, p. 50, tradução nossa), “se A (*kebabnorsk*), portanto B (menino/jovem homem de origem imigratória), portanto C (desemprego)”. Essa relação ignora não só outros fatores que podem levar ao desemprego, como também a variação existente na língua norueguesa e a diversidade de pessoas contida na comunidade de fala da variedade urbana multiétnica de Oslo, incluindo jovens sem origem imigratória e mulheres.

Nesse contexto, nota-se uma luta em torno da identidade dos falantes da variedade multiétnica de Oslo, que segundo Bourdieu, busca “impor a definição legítima da divisão do mundo social” (2008, p. 108), isto é, definir por meio das

³⁹ [...] *et bilde av arbeidsledige ungdommer med innvandrerbakgrunn nærmest som om arbeidsledigheten siver ut fra de unges biologiske eller kulturelle essens.*

⁴⁰ *Det er kun gutter som intervjues i Dagsavisen, og det er kun gutter på Holmlia skole (med unntak av et glimt av én jente) i TV-klippet fra Typisk norsk. Det er altså gutter som svarer på programlederens spørsmål og en gutt som leser og oversetter de seksualiserte ordene. Danny er dessuten en ung mann.*

instituições sociais, nesse caso, as "instituições da rede de comunicação" (LABOV, 2008, p. 211), a relação de poder entre variedades no contexto sociolinguístico de Oslo e, por extensão, entre os grupos sociais associados às variedades. O "poder quase mágico das palavras" (BOURDIEU, 2008, p. 111) permite, por meio de plataformas midiáticas, a construção da identidade dos falantes do "*kebabnorsk*" e estabelece a estratificação das variedades linguísticas, que reflete a estratificação social e urbana da capital norueguesa. No debate, os grupos dominantes, defensores da língua norueguesa padrão, promovem uma percepção negativa da variedade multiétnica de Oslo por meio de estereótipos, enquanto Danny, falante da variedade, promove uma percepção positiva, ao caracterizar os falantes da variedade como criativos e autênticos, por meio da comparação dos falantes a Henrik Wergeland.

A pesquisa de Ingunn Ims, "*Språklig registerdanning og verditilskrivning: Betegnelser på nye måter å snakke norsk på i Oslo*"⁴¹, demonstra que os termos utilizados, em âmbito nacional, para se referir à variedade multiétnica urbana de Oslo, são, em sua maioria, negativos. O termo mais comum é "*kebabnorsk*" (norueguês kebab), mas também são utilizados "*innvandrernorsk*" (norueguês de imigrantes), "*pakkisnorsk*" (norueguês de paquistaneses), "*apespråk*" (língua de macacos) e "*retarded*" (retardado), sendo os últimos três extremamente pejorativos, que revelam uma percepção, em geral, negativa e estereotipada da nova maneira de se falar em Oslo (IMS, 2013, p. 37).

Svendsen descreve duas situações na Suécia e na Dinamarca em que as imagens sociais negativas dos falantes das variedades urbanas multiétnicas, como a associação entre falar a variedade e ser preguiçoso, estar envolvido com atividades criminais ou estar desempregado, são compartilhadas igualmente por jovens de origem étnica, social ou geográfica diferentes. No entanto, isso não foi identificado entre os jovens dos bairros multiétnicos na Noruega. Há não só um movimento pela defesa do uso da variedade, com o objetivo de compará-la às outras variedades norueguesas, como também, segundo Ims, o termo "*kebabnorsk*", que anteriormente era amplamente considerado pejorativo, "sofreu uma neutralização discursiva"⁴² (IMS, 2013, p. 37, tradução nossa). O termo passou a ser utilizado nesses espaços para se referir de forma genérica à variedade falada ali.

⁴¹ Formação do registo linguístico e atribuição de valores: Termos para as novas formas de falar norueguês em Oslo

⁴² [...] *har gjennomgått ei diskursiv nøytralisering.*

O *UPUS-Projekt* revelou, que o termo “*kebabnorsk*”, é visto positivamente, por vezes, entre jovens que cresceram nos bairros multiétnicos de Oslo, ainda que muitos o tenham considerado pejorativo à época da realização das entrevistas. Como exemplo, Svendsen traz a fala de uma jovem falante da variedade, cujos pais não são imigrantes. A menina enxerga o “*kebabnorsk*” como um símbolo da união entre noruegueses e imigrantes. Para a autora, esse ponto de vista se opõe àquele retratado no debate sobre o “*kebabnorsk*” ao considerar o norueguês como língua fluida; em vez de opor a língua norueguesa padrão ao “*kebabnorsk*”, o conceito de norueguês torna-se passível de mudança. Dessa forma, o “*kebabnorsk*” se torna apenas mais uma das variedades regionais da Noruega.

Há também aqueles que procuram levar essa ideia a espaços institucionais, especialmente músicos. A autora cita artistas de rap e hip-hop como *Minoritet 1*, *Forente Minoriteter*, *Karpe Diem* e *Danny*, que desempenharam um papel importante na promoção dessa variedade linguística. *Danny* se destaca por considerar a palavra “*kebabnorsk*” pejorativa, preferindo utilizar uma das muitas alternativas propostas por linguistas escandinavos, como o termo *multietnoleto*.

Vemos que ele associa o “*multietnoleto*” àquilo que “*toda a gente tem*”, ou seja, o ‘*dialeto*’ [...] no ‘*paraíso dos dialetos*’ norueguês, essa associação é um símbolo forte. Aqui, os dialetos são vistos como importantes marcadores de identidade, como uma marca de origem. Através da utilização de “*multietnoleto*” no rap de *Danny*, uma fala estilística baseada no contato linguístico é transformada para parecer “*aceitável*” ou “*normal*”, um *-leto* como outros (dia)letos, para se tornar parte da paisagem dialetal norueguesa⁴³ (SVENDSEN, 2014, p. 55, tradução nossa).

⁴³ *Vi ser at han sidestiller «multietnolekt» med det «alle sammen har», nemlig «dialekt» [...] i det norske «dialektparadis» blir en slik sidestilling symboltung. Her anses dialekter som viktige identitetsmarkører, som selve bumerket på hvor du kommer fra. Gjennom bruken av «multietnolekt» i Dannys rap transformeres en språkkontaktbasert talestil til å fremstå som «stuerent» eller «normalt», til en -lekt på linje med andre (dia)lekter, til å bli en del av det norske dialektlandskapet.*

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer, portanto, que o debate sobre o “*kebabnorsk*” de 2009 retratou uma luta pelo reconhecimento de critérios para identificar os falantes da variedade urbana multiétnica de Oslo. Por um lado, há a classe dominante, que, por meio de plataformas institucionais, pretende associar o uso da variedade a homens jovens de origem imigratória, à incompetência na língua oficial e ao desemprego. Por outro lado, há porta-vozes dos falantes da variedade, que pretendem ocupar espaço nas mesmas plataformas institucionais para defender a ideia de que a variedade representa um estilo criativo e autêntico de se falar, fruto positivo de um encontro entre diferentes origens étnicas.

É notável o poder do discurso nesse debate, uma vez que apesar do forte discurso que retrata a variedade de forma negativa não só em Oslo, como no resto do país, Ingunn Ims (2013) demonstra que o termo “*kebabnorsk*” passou a ser utilizado de forma mais neutra, nos bairros multiétnicos de Oslo, quando anteriormente era considerado pejorativo. Svendsen atribui isso aos vários atores, como Danny, que pretendem “normalizar” o “anormal”⁴⁴ (SVENDSEN, 2014, p. 56), isto é, acabar com as fronteiras entre “Nós” e “Eles” e restabelecer o que significa ser e falar norueguês, “atestando sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando sua pretensão à institucionalização” (BOURDIEU, 2008, p. 111).

Corbari defende que uma vez que o uso de traços linguísticos identifica um indivíduo como pertencente a um certo grupo, de acordo com os valores que lhe são atribuídos socialmente, pode-se gerar, ou sentimentos de exclusão do grupo dominante, levando à conformidade à língua padrão, ou sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade entre aqueles que compartilham dos usos linguísticos. Nesse caso, surge uma outra possibilidade, na qual, a partir dos sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante, os falantes da variedade multiétnica de Oslo, utilizam a língua “para carregar significados sociais poderosos e, dessa forma, [resistir] a pressões sociais”⁴⁵ (MILROY, 1980 apud LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985, p. 245, tradução nossa)

Ao defender que a variedade urbana multiétnica de Oslo é principalmente caracterizada pelo uso de gírias, Harchaoui defende também que os seus usos são

⁴⁴ [...] å «normalisere» det «unormale».

⁴⁵ [...] to carry powerful social meanings and so [resist] external pressures.

uma forma de “não-conformismo linguístico e social”⁴⁶ (2014, p. 6, tradução nossa). Se a utilização de uma ou outra forma linguística, quando consciente “diz algo sobre o comportamento do falante que utiliza a língua para agir” (CALVET, 2002, p. 103), então os falantes dos bairros multiétnicos de Oslo demonstram, pelo uso estilístico da variedade, um propósito social.

A autora argumenta que o uso de empréstimos de línguas não-europeias representa a imagem que o falante pretende transmitir de si mesmo. Ela acredita que, além da tradição de gírias de codificar trocas linguísticas e de fortalecer a união e a coesão de uma comunidade, o uso desses empréstimos na capital norueguesa se inspira na tradição norte-americana do hip hop. “O hip hop é uma cultura de resistência e a sua língua um ‘vernáculo de resistência’, que utiliza a variação e a improvisação a fim de deformar e reposicionar as regras de ‘inteligibilidade’ estabelecidas pela língua dominante”⁴⁷ (HARCHAOUI, 2014, p. 13, tradução nossa).

Essa tradição apresenta dois valores principais: i) universalidade, uma vez que, segundo essa autora, em Oslo a identidade dos falantes já não é definida pelo critério étnico, dado o caráter multiétnico da população, e sim pela conexão aos locais onde cresceram, os bairros do lado oriental; e ii) autenticidade, refletindo a autoimagem dos adolescentes, que se definem como honestos e autênticos, em comparação aos jovens dos bairros ocidentais, vistos como arrogantes e superficiais.

Assim, o uso da variedade é um símbolo da identidade urbana de seus falantes, que, como grupo, compartilham um local de origem, isto é, os bairros multiétnicos e multilíngues de Oslo, independentemente de sua origem étnica. Além disso, utilizam empréstimos de línguas não-europeias para codificar a sua fala e resistir às pressões sociais que impõem uma língua norueguesa padrão, que é colocada como limpa, legítima e normal em contraste com a variedade multiétnica, colocada como suja, ilegítima e anormal. Por fim, definem-se, por meio do uso da variedade, como autênticos, uma vez que Oslo, segundo Harchaoui (2014, p. 8, tradução nossa) “é a única cidade norueguesa onde ocorrem empréstimos de línguas não-europeias além

⁴⁶ [...] a symbol of linguistic and social nonconformity.

⁴⁷ Hip-hop is a culture of resistance, its language a ‘resistance vernacular’ which ‘deploys variance and improvisation in order to deform and reposition the rules of ‘intelligibility’ set up by the dominant language.

de palavras de línguas mais tradicionais, como o inglês, o espanhol, o francês ou o alemão”⁴⁸.

⁴⁸ [...] *it is the only Norwegian city where loanwords from non-European languages occur in addition to words from more traditional languages such as English, Spanish, French or German.*

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2. Ed., 1ª reimpr., 2008.
- CALVET, Louis-Jean. **SOCIOLÍNGUÍSTICA: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAPPELEN, Ådne; OUREN, Jørgen; SKJERPEN, Terje. **Effects of immigration policies on immigration to Norway 1969-2010**. Oslo: Statistisk sentralbyrå, Reports 40/2011, 2011.
- CORBARI, Clarice Cristina. **ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO NAS LOCALIDADES PARANAENSES DE IRATI E SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE**. Salvador, 2013.
- CUTLER, Cecelia Anne. **Hip-Hop Language in Sociolinguistics and Beyond**. Nova Iorque: *Language and Linguistics Compass*, 2007.
- FANGEN, Katrine. **Social exclusion and inclusion of young immigrants** Presentation of an analytical framework. Oslo: *Young Nordic Journal of Youth Research*, 2010.
- HARCHAOUI, Sarah. **Borrowing in Youth Speech in Scandinavia – The Oslo Case Study**. Atenas: *ATINER'S Conference Paper Series*, Nº LNG2014-1131, 2014.
- IMS, Ingunn Indrebø. **Språklig registerdanning og verditilskrivning: Betegnelser på nye måter å snakke norsk på i Oslo**. Oslo: *NOA norsk som andrespråk*, 37-71, 2013.
- LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LE PAGE, R. B.; TABOURET-KELLER, Andrée. **Acts of identity: Creole-based approaches to language and ethnicity**. Cambridge: *Cambridge University Press*, 1985.
- MARTINS, Suely de Sousa; OLIVEIRA, Luiz Henrique de. **Linguagem e sociedade: um estudo sobre identidade(s) linguística(s), prestígio e preconceito linguístico**. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9, n. 2, 2020. p. 120-135.
- STATISTISK sentralbyrå, Instituto Nacional de Estatísticas da Noruega. 2024. Disponível em: <https://www.ssb.no/en/befolkning>.
- SVENDSEN, Bente Ailin. **Kebabnorskdebatten: En språkideologisk forhandling**

om sosial identitet. *Tidsskrift for Ungdomsforskning* 2014, 14(1):33–62, 2014.

WIESE, Heike. *Urban contact dialects*. In: SALIKOKO, S. Mufwene & ESCOBAR, Anna María. (Org.) **CAMBRIDGE HANDBOOK OF LANGUAGE CONTACT**. Cambridge: 2016.